



VEDUTA

REVISTA DE ESTUDOS
EM PATRIMÓNIO CULTURAL



«Chama-se veduta à representação, em pintura, de uma
cena de modo muito figurativo, quase topográfico; pode ser
uma paisagem, uma vista de um bairro, de uma cidade, etc.»
Françoise Choay

N.5 • EDIÇÃO 2011

REFLEXÕES EM TORNO DA CRIAÇÃO E DA ACÇÃO

ALGUNS PROJECTOS DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL OFICINAS DO CONVENTO



VIRGÍNIA FRÓIS

Professora na Faculdade de Belas Artes da
Universidade de Lisboa

Neste artigo apresento alguns projectos desenvolvidos pela **Associação Cultural Oficinas do Convento**, situada em Montemor-o-Novo, Porto de princípios fundamentais da animação cultural: o lugar entendido como uma construção feita ao longo do tempo, um conjunto de interações entre os sujeitos e o espaço que habitam; a cultura como fruto de um processo criativo, dinâmico e inter-relacional; os artistas/animadores como mediadores usando a sua experiência criadora habituada a interligar e a questionar.

Montemor-o-Novo é uma pequena cidade de cerca de 11 000 habitantes, situada no Alentejo. Tem, sobre outros aglomerados urbanos do Alentejo, a grande vantagem de se situar no caminho entre Lisboa e Évora.

Desde o final dos anos 70 que a Cultura é assumida como eixo estruturante das políticas autárquicas. Os projectos culturais multiplicaram-se e diversificaram-se, como efeito de uma assumida estratégia de acolhimento por parte da autoridade municipal, contribuindo para a afirmação do local como um lugar criativo.

A Associação Cultural *Oficinas do Convento*, sediada no município desde 1996, está instalada no Convento de S. Francisco. As suas actividades estruturam-se como resposta às necessidades da cidade, dos artistas e dos investigadores. Os eixos da programação assentam nos domínios da Arte Pública, da Paisagem, do Património Natural, Arquitectónico e Ambiental. As acções programadas privile-

giam a formação e a produção de obras de artistas em início de actividade. Assim a Associação foi apetrechando as suas oficinas com os meios necessários para a produção de obras nas áreas da Escultura (cerâmica e metais), da Imagem (fotografia e multimédia) e da Música.

Os espaços de trabalho são dois: o Convento, onde existem oficinas, salas polivalentes e espaços para residências de artistas, e o Telheiro da Encosta do Castelo¹, a oficina de escultura cerâmica. Para além da criação artística, que acolhe e procura divulgar, a Oficinas do Convento tem vindo a promover realizações que combinam conferências e intervenções artísticas no território com a preocupação de reforçar, através da arte, a identidade local e o sentido do lugar.²

Das práticas culturais desenvolvidas pela Associação Cultural Oficinas do Convento destaco algumas que estruturaram o nosso modelo e nas quais ganhou experiência a jovem equipa que hoje programa as actividades. As actividades que enumerarei são um exemplo dos princípios e métodos de trabalho seguidos. *Conversas à volta da Terra* (1996): a experimentação de hipóteses para o futuro.

O primeiro momento da nossa história num lugar é quase sempre o acto de caminhar, percorrer, deambular. Olhar o espaço que nos envolve, que se descobre

¹ A recuperação de um telheiro (edifício tradicional de produção de tijolos e telhas) permitiu assegurar o uso da Cárrega de grande formato e está na origem da instalação nos três Complexos Informacionais da Faculdade em Terracota (1996, 1999 e 2001), estabelecendo uma relação directa com a arquitectura tradicional.

² Ver projectos de actividades em www.oficinasdoconvento.com



e sobre o qual vamos inscrever a nossa experiência, é uma forma de tecer relações, que passam por esses fios invisíveis dos passos e do olhar sobre o que em cada momento se apresenta como novo. Esta experiência traduz uma atitude, uma disponibilidade para ver, algo que se renova e que é parte da matéria da Arte. Podemos designá-la por experiência estética inicial fundadora da criação, de novos objectos, de outras leituras sobre o espaço, apropriações múltiplas. O trabalho cultural em Montemor-o-Novo desde muito cedo se desenvolveu a partir deste olhar sobre o espaço habitado, da sua organização e das suas características físicas. Uma procura de qualquer coisa de essencial, de matricial neste lugar escolhido. A Arquitectura e a paisagem rural que envolve o lugar é o atravessa, foi um ponto de partida, um motivo central. As *Conversas À Volta do Terro*, realizadas em 1996, são um primeiro momento dessa tentativa de saber mais, de partilhar ou de tomar consciência do valor deste local. Os temas definidos partiram da terra como matéria. Assim, em três sábados de Primavera, um por mês, falou-se do que se desenterra – da Arqueologia, do que se constrói com a terra – da Arquitectura, e da morfologia do terreno designando-se como Paisagem - a Agricultura e a Escultura. Nestes sábados tranquilos, percorremos pela voz dos nossos convidados sítios arqueológicos em Mértola e no México, percebemos que algumas elevações do terreno são sinais de monumentos megalíticos, que os fragmentos de recipientes encontrados numa escavação no interior de uma habitação podem identificar uma dependência. Num outro dia, falou-se de Arquitectura, das técnicas de construção com as matérias do lugar, de pequenas cidades com uma escala adequada à vida humana, do uso da talpa na arquitectura contemporânea, e dos valores simbólicos das construções. Por fim, no terceiro dia falou-se de Paisagem, de Escultura, de Ecologia e de Agricultura. Nessa



FOTOGRAFIAS ESTÁGIO INDS

manhã tínhamos percorrido o Rio Almansor entre o Moinho da Pintada e o Moinho do Ananil, passando pela Ermida de Santa Margarida. Atravessámos o rio pelas represas, entré cercas e canais, descobrindo plantas no leito e nas margens. Visitou-se o Moinho do Ananil. Neste local iniciou-se o que viria a ser a compra daquele espaço pela Câmara Municipal. Aqui falámos de banhos, de pescarias e da memória duma actividade perdida, a moagem, num tempo em que a cidade vivia voltada para o seu Rio e onde os habitantes comiam o seu peixe. Falámos da Memória, da Cultura e da Harmonia, da nossa responsabilidade colectiva pela reabilitação deste território. No programa designado por *Projecto RIO*, realizado em 2003/05 desenvolveram-se as relações com o espaço e a memória, para um futuro partilhado. Neste retomaram-se os temas fundadores da Associação, as preocupações com a qualidade do espaço habitado e as conexões entre o meio rural e o meio urbano, entre o passado e o futuro. Desenvolveram-se ideias que poderão contribuir para a reabilitação do Rio Almansor e de um dos seus moinhos, o do Ananil.³ O Projecto RIO incluiu os ciclos de conferências *Conversas à Volta do Rio I* (Fevereiro de 2004) e *Conversas à Volta do Rio II* (Outubro de 2005), onde se reuniram vários especialistas de diferentes áreas do saber, das artes às ciências, produzindo uma reflexão transversal, em torno da Paisagem Rural, da Arte Pública e da Conservação do Património nas suas vertentes arquitectónica, natural, ambiental e social. Realizaram-se dois Cursos de pós-graduação: *Rio Paisagem e Cidade* (Março de 2003) e *Desenhar Paisagem* (Abril de 2006)⁴, orientados por especialistas em arte pública, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento e aprofundamento dos conhecimentos sobre o local e de avançar com propostas para discussão. Estas iniciativas,

³ www.patrimoniocm.com

⁴ Matos, Sara Antónia (org.). (2007). *Mértola - Arte Contemporânea*. Oficinas do Curvante, Mértola-o-Novo.



para além de deixarem publicado um conjunto de textos de qualidade científica, tiveram o mérito de traduzirem visões multidisciplinares, colocando as questões sob diferentes perspectivas. As conferências e os diálogos estabelecidos permitiram criar uma consciência do Lugar para futura tomada de decisões mais adequadas à recuperação deste território por parte dos eleitos autárquicos, e serviu um grupo muito alargado de público e de investigadores. Paralelamente a estas actividades desenvolveram-se experiências no âmbito das artes visuais designadas por *Projectar o Rio*. As dezasseis obras criadas na sua maioria por jovens artistas tiveram o seu processo e apresentação no período entre as conferências, e geraram uma dinâmica de participação nos cidadãos, um questionamento sobre as vivências do lugar, as relações entre o passado e o presente. Abordaram o território e os seus contextos: social, ambiental e patrimonial.

Estas intervenções artísticas desempenharam um papel relevante no questionamento do lugar, foram buscar referências à sociologia, à antropologia, à geografia ou às ciências da natureza. O ver, e o dar a ver, assumiram um papel central no discurso das obras criadas para os sítios específicos. Assim as intervenções artísticas, no espaço natural como a várzea do moinho e o leito do rio ou nos espaços construídos, como no Castelo, no Moinho do Anail ou nas Piscinas Municipais, sítios onde foram instalados os dispositivos que deram corpo às obras de arte usando diversos média.⁹

No desenvolvimento das cidades os cidadãos deverão assim "Cuidar" de criar espaços e actividades que desde logo dêem oportunidades a todos para aprender, fruir os bens culturais, apreendendo o sentido da sua vida e dos outros: o sentido de comunidade e da vivência cívica. Tenho para mim que o Desenvolvimento se deve basear nestes princípios.

A Cultura e a Educação devem ser então os eixos estruturantes de qualquer política que efectivamente inclui e deseja o bem de todos, porque todos, nos seus diferentes saberes, têm o direito e o dever de participar, fazem falta.

A Excelência é assim uma hipótese, um horizonte a alcançar, mas não um fim em si.

Às novas gerações devemos ensinar, transmitir o conhecimento, todos sabemos que é um processo lento, que exige disponibilidade, investimento, diálogo, atenção e tempo.

No Alentejo temos o vagar para darmos atenção, existem valores, identidade e pluralidade. A criação artística necessita de tempo, desse vagar, de vaguear. Necessita de distância para ver melhor, para reflectir. O Alentejo necessita de jovens que habitem no seu território, onde possam nascer os seus filhos e aqui crescer com qualidade, atenção e liberdade. Todos em conjunto podemos criar os mecanismos para que se fixem novos criadores, esta é uma orientação que os políticos adoptaram da experiência cultural conjunta. As práticas da cultura podem ser um atractivo. O caso da cidade de Montemor-o-Novo, entre outras, é disso exemplo.

O que está lentamente a acontecer é no entanto ainda insuficiente, será necessário melhorar os edifícios e criar estabilidade e formar novos artistas para a participação.

A cooperação com as Faculdades que ministram Cursos no âmbito das Artes tem sido para estas e para nós muito valiosa, promovendo a experiência dos alunos no contacto com esta região, deste modo enriquecendo os seus currículos.

Assim a oferta de espaços e de equipamentos para residências ou estágios profissionais por parte das entidades culturais, deve ser

⁹ *"Projectar o Rio"* in Faria, Virgínia (org.), (2007) *Projecto R20 - Arte, Ciência e Património*. Oficina do Convento, Montemor-o-Novo.



FOTOGRAFIA DE CITTARDO PRODES

incentivada e, em situações onde já é corrente, ser melhorada. Esta oferta deverá ser organizada e bem divulgada. Uma carteira de lugares disponíveis para a experimentação. Um conjunto de produções que pode ser internacionalizada. Onde se podem receber outros em residências criativas. Numa dinâmica em rede. As consequências deste investimento certamente reverterão para aumentar o tecido criativo da região, criar novas oportunidades de trabalho e consequente desenvolvimento de outras propostas. Estas actividades podem ainda estar interligadas com projectos educativos das escolas do Ensino Básico, ou com instituições ligadas aos municípios, integrando estes jovens em algumas actividades na área das expressões artísticas, colmatando lacunas no desenvolvimento das mesmas no currículo do ensino obrigatório, ou nos tempos livres, e deste modo contribuir para um futuro melhor ao capacitar crianças e adolescentes nas áreas criativas.

Concluo, apropriando-me de um parágrafo do texto que deixo para reflexão a lição proferida por BERNARD STIEGLER*: **Tomar cuidado: sobre a solicitude no século XXI**

"O saber individualiza aquele que aprende e que, por isso, se transforma – ao interiorizar a história das transformações individuais e colectivas em que consiste um saber.

A informação difundida pelas indústrias de programas é, ao invés, o que desindividualiza aquele que a consome: o seu consumo é o que a impede de a transformar em saber;

A informação só pode tornar-se matéria para pensar e objecto de saberes na condição de ser objecto de transformações, operadas segundo

as regras das disciplinas, e que nisso precisamente constituem saberes.

Mas uma tal transformação da informação em saber só se pode produzir na medida em que é também a transformação daquele que transforma essa informação."

* Citar: "A urgência da lazar", Fórum: "O estado do mundo", Fundação Calouste Gulbenkian - Maio/Junho de 2007